



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>

## A escrita vegetal: uso de plantas enteógenas na ampliação da percepção

Cláudio Filho[1]

Juliana Valbert[2]

**RESUMO:** Este ensaio propõe um novo olhar sobre a palavra escrita. Na qual ela se posiciona em um local de cocriação com as chamadas *plantas professoras*, ou substâncias enteógenas, mais propriamente com o chá ayahuasca, feito com as plantas *Banisteriopsis caapi* (popularmente chamada de mariri ou jagube) e *Psychotria viridis* (popularmente conhecida por chacrona ou folharainha). A atenção proposta está nas percepções da ação escrita mediante o consumo de tais plantas no ritual da bebida amazônica ayahuasca e nos pensamentos expressos através das palavras e desenhos produzidos sob seus efeitos pela artista Juliana Valbert.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita. Percepção. Plantas professoras.

---

## Vegetable writing: use of entheogenic plants in the expansion of perception

**ABSTRACT:** This essay proposes a new glance at the written word. It positions itself in a place of cocreation with the so-called teacher plants, or entheogenic substances, more specifically with ayahuasca tea made with *Banisteriopsis caapi* (popularly called mariri or jagube) and *Psychotria viridis* (popularly chacrona or queen leaf). The proposed attention is on the perceptions of the written action through the consumption of such plants in the ritual of the Amazonian ayahuasca and the thoughts expressed through the words and drawings produced under their effects by the artist Juliana Valbert.

**KEYWORDS:** Writing. Perception. Teacher plants.



O que as palavras nos dizem no interior onde ressoam? Que não são nem instrumentos de escambo, nem utensílios para se pegar e jogar, mas que querem tomar a palavra. Sabem muito mais sobre a linguagem do que nós. Sabem que são trocadas entre os homens não como fórmulas e slogans, mas como oferendas e danças misteriosas. Sabem disso muito mais que nós; ressoam muito antes de nós; chamavam-se umas às outras muito antes que estivéssemos aqui (Novarina, 2009 p.14)



Fig. 01: Fragmentos do caderno "Encontros com a Floresta", Juliana Valbert (2016-2020). As imagens podem ser acessadas através do link: <https://www.behance.net/gallery/152695973/Escrita-vegetal>

### Diante da palavra e em contato com as plantas



Estar diante da palavra, título homônimo de Valère Novarina (2019), é compreendê-la como existente e abrangente: basta pensarmos na quantidade de línguas existentes e também nas suas traduções possíveis para aceitar que “toda forma viva é, ao mesmo tempo, uma forma do mundo que ela, ao mesmo tempo, produz e contempla” (Coccia, 2019, n.p).

Nunca se escreveu tanto: as palavras circulam entre e-mails, linhas posts, *tweets* e comentários, a cada minuto cerca de 41 milhões de mensagens são trocadas no WhatsApp[3]. As palavras, assim como as imagens, se sobrecarregam de sentido junto ao fluxo de dados produzidos diariamente. A presença massiva dos aparatos tecnológicos de comunicação (computadores, celulares e *tablets*) desencadeiam contínuas sobrecargas das palavras carregadas de informações, positivas ou negativas, possibilitadas pelo aumento do consumo destes dispositivos (Oliveira; Melo Filho; Baio, 2022). Com a crescente presença de sistemas de softwares digitais ocorreu um avanço tecnológico nas formas de leitura e escrita aliadas ao processamento dos algoritmos de forma autônoma, dando origem ao que conhecemos hoje como sociedade *dataficada* (Oliveira, 2021). Nas redes sociais, por exemplo, a palavra escrita estimula uma pretensa sensação de liberdade “que se soma ao desejo social de pertencimento e aceitação, impulsionando ações performativas em rede como o excesso de compartilhamento de informações pessoais e imagens de si” (Oliveira; Melo Filho; Baio, 2022, p. 62). Em meio ao turbilhão de palavras que circulam nossas experiências cotidianas, como retirá-las de seu estado de anestesia e dar-lhes sentido?

Aqui, propomos um novo olhar sobre a palavra escrita. Na qual não se trata apenas do ato de escrever, mas *como se escreve, o porquê se escreve e através de quê se escreve*. A metodologia utilizada nesse ensaio é teórico-prática colaborativa, unindo pesquisas, anotações, verbetes, citações com relatos, imagens-escritas, proposições artísticas com vieses antropológicos, entre outros. O ensaio se fundamenta a partir de duas premissas: o ritual com a bebida amazônica ayahuasca e os pensamentos expressos nas palavras e desenhos produzidos sob seus efeitos pela artista Juliana Valbert. A partir da análise de seus cadernos, observamos que sua produção se transformou gradualmente conforme foi conhecendo modos de conceber e relacionar dimensões físicas, mentais e metafísicas a partir do uso ritualístico da bebida de origem amazônica. Embora haja desenhos, nota-se que a escrita toma grande parte de sua atenção e suas produções visuais encontram-se presentes, relevantes para o entendimento do processo criativo da artista ao longo de sete anos, desde seu primeiro contato com a bebida ayahuasca em um ritual neo-xamânico[4].

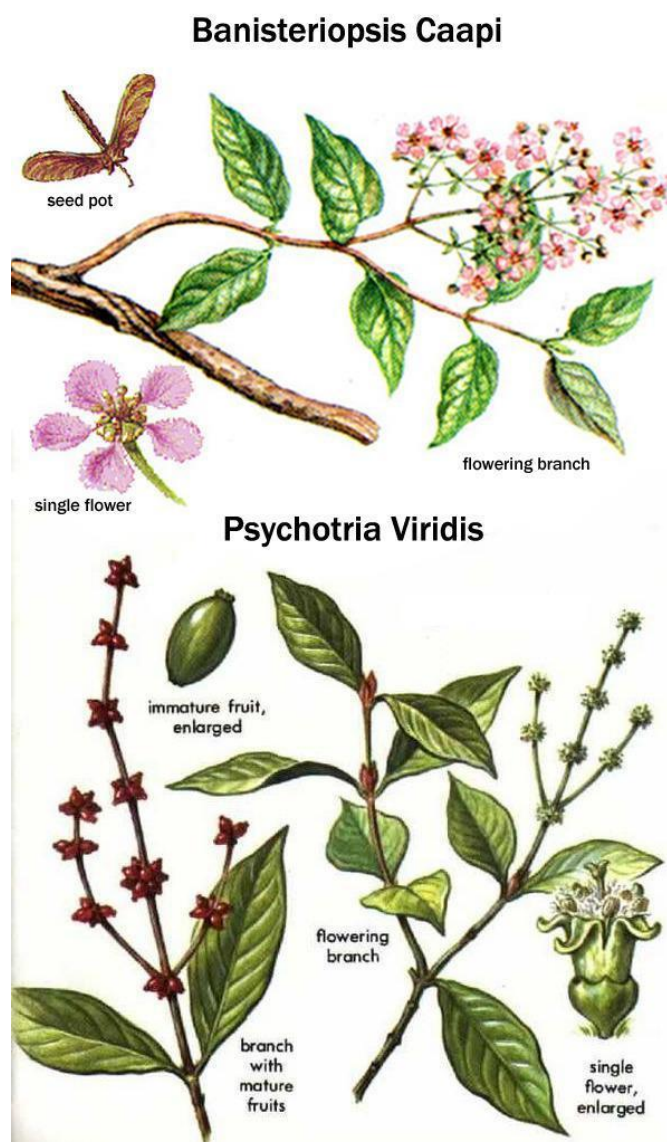


Fig. 02: *Banisteriopsis caapi* (mariri ou jagube) e *Psychotria viridis* (chacrona ou folha-rainha). Acesso Livre.

A ayahuasca é preparada pela decocção de duas plantas naturais da floresta amazônica, sendo elas: o cipó malpighiáceo *Banisteriopsis caapi* (popularmente chamado de mariri ou jagube) e as folhas do arbusto rubiáceo *Psychotria viridis* (popularmente chacrona ou folha-rainha) (Fig 02). Dentre os efeitos da ayahuasca, os mais relevantes para nossa análise são as visões. Podem surgir nestas visões as situações do dia-a-dia e, às vezes, até importantes *insights*, sejam elas atuais ou antigas (Mikosz, 2009, p. 48) "estas plantas, assim como outras de propriedade similar, são chamadas de *plantas professoras* por causa das informações compartilhadas por elas e seus usuários" (Luna 1983, p. 4 apud Mikosz, p. 13). O indivíduo, ao ingerir a bebida, pode se sentir em contato com



pensamentos associados a uma experiência de “conhecimento verdadeiro”, conforme afirma o pesquisador de arte visionária, José Mikosz (2009, p. 52): “muitos ayahuasqueiros descrevem que, sob o efeito da bebida, a realidade parece ser *“More real than real”* (Shanon 2002, p.205 apud Mikosz, 2009, p. 52). Tal colocação parece estar associada ao aumento da sensibilidade e percepção que a bebida favorece e a um “enfraquecimento da fronteira” entre o mundo interior e o exterior. E, associando ao aumento da sensibilidade e percepção que a bebida favorece, pode fazer com que o indivíduo se sinta bastante conectado com o mundo e seus objetos, sejam eles animados ou inanimados.

### **Plantas enteógenas e percepções sensíveis: ayahuasca**

A ayahuasca têm seus efeitos ocorridos simultaneamente de duas maneiras, como nos explica pelo antropólogo Luis Eduardo Luna (2005:338): por meio de altos índices de serotonina e pela ação da DMT no sistema nervoso, fazendo com que a pessoa que beber este chá esteja num estado semelhante ao de sonho: extraordinários espaços sensoriais, acessar o que parece ser uma fonte inesgotável de informações, ter estranhas percepções do próprio corpo e de si mesmo, transformar-se em seres não humanos (animais, plantas ou objetos inanimados) (Luna, 2005, p. 338 apud Albuquerque, 2018, p. 263).

É interessante observar que em algumas comunidades indígenas, há relatos de experiências com ayahuasca, dos quais foram capazes de viajar e ver outros lugares, como afirma Kensinger (1973). Por exemplo, as visões relatadas pelos Kaxinawá, localizados no estado do Acre no Brasil, descrevem com precisão lugares distantes geograficamente onde o informante jamais esteve ou viu fotos, por exemplo, a cidade de Pucallpa na selva peruana.

Segundo Kensinger, essas descrições feitas pelos indígenas eram suficientes para reconhecer certas lojas e sinais existentes na cidade (Kensinger 1973, p. 12 *apud* Mikosz, 2009, p. 60). A ayahuasca promove, podemos assim dizer, uma interação entre o subjetivo e tudo o que é biológico, de tal forma que essas experiências colaboram com a ampliação de perspectivas sobre o ser humano e o mundo.

As *plantas professoras*, termo proposto originalmente por Luna (2002) para aquelas plantas que possibilitam o acesso a conhecimentos por meio das práticas de vegetalistas, são “consideradas



muitas vezes habitadas por um espírito, por uma mãe, são seres inteligentes, com personalidade própria com quem podemos nos relacionar e aprender” (Goulatr et al 2005, p. 34 apud Albuquerque, 2018, p. 264). Essas plantas consideradas sagradas oferecem experiências que propiciam ao indivíduo um elo entre pensamento e realidade, com o intuito muitas vezes, de curar doenças mentais e até físicas. Foram em grande parte da história utilizadas por xamãs para explorar os demais campos de consciência que existem para além do campo da racionalidade. Esses “mergulhos” em outros níveis de consciência podem ser experienciados a partir de técnicas arcaicas do êxtase, como técnicas de jejum, de afastamento solitário e/ou a ingestão de enteógenos (Mikosz, 2009).

As técnicas que promovem a mudança do estado ordinário para o não-ordinário, no contexto da bebida amazônica ayahuasca, estão historicamente ligadas ao contexto indígena sul-americano. Do qual nos permitem adentrar em uma dimensão nova sobre a capacidade de pensar sobre relações entre seres humanos e outros seres, subjetividades e instintos, partindo de suas cosmovisões para obter conhecimentos que, na sua grande maioria, são conhecimentos práticos e até mesmo essenciais:

Cada espécie tem de ser capaz de não perder de vista (por assim dizer) o fato de que os outros veem a si mesmos como gente e, simultaneamente, são capazes de esquecer este fato, ou seja, de “deixar de vê-lo”. Isto é particularmente importante para os humanos – que é o lugar de onde falo, salvo engano – quando matam para comer. Mas embora devamos ser capazes de não ver os animais que comemos como eles veem a si mesmos, pode ser interessante ante vê-los como são vistos por outros animais; às vezes é útil, necessário até, ver como certos animais se veem: para curar humanos vitimados por doenças provocadas pelo espírito de determinada espécie animal (quando o xamã precisa negociar com os membros da espécie agressora), para adquirir as capacidades predatórias da onça ou da suçuri para atacar inimigos, para saber que aparência tem o nosso mundo quando visto de cima (céu) ou de baixo (fundo do rio) etc.” (Viveiros de Castro, 2011, p. 899).

Essa lógica da tradição xamânica representa um conjunto de saberes e práticas baseados nas relações sociais de seres humanos e não-humanos, cujos seres não humanos, como as plantas e os animais, são seres dotados de sensibilidade e conhecimento para sociedades indígenas (Mattos, 2015 apud Bruniere, 2019). Muitos ameríndios, em especial os xamãs adentram no “influxo de



corpos, espíritos, doenças, pessoas, plantas, curas, animais e demais elementos imersos numa mesma perspectiva cosmológica e social” (LIRA 2018, p. 63). São preparados para navegar nestas dimensões plurais, assumindo outras perspectivas alheias sem perderem a condição de pessoa, e conhecendo-as melhor (Lira, 2018, p. 63).

Nessa perspectiva, Juliana Valbert revela em suas experiências com a *planta professora* que a ideia de se perder nos meandros da consciência pode ser, de fato, perigoso. À medida que se cria novos modos de relação entre sujeito e planta, é importante realizar movimentos transformativos, especialmente sobre as percepções de si mesmo.

É como se a planta representasse as milhões de raízes que estão escondidas debaixo da terra, e as percorre se em sua extensão, fazendo-lhe sentir que tudo ao seu redor está vivo, inclusive pedras e terras. É preciso saber navegar pela ayahuasca. Saber navegar pelos elementos da floresta amazônica, seu bioma e seus mitos. Para os ameríndios, para isso, a música e a pintura servem como ferramentas de condução do ritual ayahuasqueiro (Valbert, 2022, n.p).

Uma pergunta que vem guiando o trabalho de produção artística de Juliana Valbert, propõe dialogar com a dimensão metafísica da experiência não-ordinária da ayahuasca[5]: Como podemos experimentar e relacionar os *entes metafísicos* e agregar *experiências sensíveis*? Em suas produções aqui analisadas, a escrita e o desenho colaboram como ferramentas para acessar conteúdos (conscientes e inconscientes), bem como questioná-los e expressá-los. Todavia, para isso é necessário saber configurá-las tal como um xamã configura essa passagem entre mundos. Os processos em torno dessa fruição de sentidos devem seguir um caminho em direção ao autoconhecimento, para o conhecimento externo e, nesse sentido, aceitar o desconhecido, o outro: seja com um sentimento novo, uma lembrança, uma questão, ou novos contatos com outros seres vivos.

### **Os contatos com a pluralidade**

Mundos viajam, se comunicam, enfrentam as mudanças de clima e as diferenças biológicas nesse todo complexo, diversos compartilhamentos são possíveis: desde o ar que respiramos, a terra em que pisamos, o fogo que acende, a água seguindo fluxo no organismo vivo e fora dele, os contatos, conversas, sentimentos e pensamentos. A partir das percepções xamânicas, podemos aprofundar



na noção de que não existe uma única maneira ou modo de existir. Tal pensamento é dado em conjunto à noção de pluralismo presente nas filosofias de vários autores. O pluralismo parte do pressuposto que não há um único modo de existir para os seres que habitam o mundo e não há um único mundo para todos os seres (Lapoujade, 2017). O pluralismo é a maneira pela qual se vale as filosofias e as experiências que se escapam do monismo ou do dualismo, ou seja, uma maneira de perceber as experiências para além da razão ou função previamente estabelecidas. Segundo Bruno Latour (2012), pensar em modos de existência é instigar a pensar que a existência existe apenas à medida que é composta. Isto é, à medida que são articulados seres humanos e não humanos. Entretanto, os processos de colonização contribuíram para o apagamento de tradições, culturas e existências em prol de um monismo europeu baseado na unicidade de pensamento (razão) e crença (Deus). Segundo Boaventura de Souza Santos, o pensamento ocidental é um pensamento abissal no qual consiste em um sistema de distinções visíveis e invisíveis capaz de considerar o que é um pensamento válido ou não, concebidos pelo julgamento da ciência moderna o monopólio da distinção universal: entre o verdadeiro e o falso (Santos, 2007). Excluindo da dinâmica conhecimentos outros, como os laicos, pagãos, populares, camponeses, indígenas, etc.. Sendo assim necessário cada vez mais a recuperação de "conhecimentos que não se aprisione nem o movimento das relações em formas preexistentes, nem os termos em relações preexistentes" (Lapoujade, 2017 p.63).

Ainda que o mundo global nos fez perceber que nesta terra compartilhamos o planeta com milhões de pessoas, povos, raças, etc., “o problema está no fato de haver raciocínios que extrapolam os limites do entendimento humano, indo além da fundamentação empírica” (Lopes, 2014, p. 349). Há muito mais coisas a respeito do mundo do que sabemos que existe, e, o mais importante, que nos afeta mesmo sem termos a consciência de tal acontecimento e impacto. A ciência busca as direções e os caminhos diversos que inter cruzam nas diversas formas de conhecimento. A própria fabricação de ideias, a auto elucidação dos pensamentos, e a negociação das traduções das palavras expressas entre seres vivos, isso nos reforça a noção de que não podemos reduzir nada em si mesmo[6]. Tal como uma “estação hipersensível” (Dias, 2020, p. 14), o humano deve entrar em comunicação com um mundo todo vivo e se “abrir aos devires e povoar por forças não-humanas” (Dias, 2020, p. 3).

## **A escrita vegetal**





Permeando o pensamento e a prática, os relatos escritos e artísticos de Juliana Valbert expressam sua busca pelo conhecimento profundo sobre as coisas, sua análise estrutural e epistemológica, e a exploração entre as relações da artista e os seres não humanos. Podemos observar nos registros dos "encontros com a floresta" (2017-2022) que a palavra se torna uma ferramenta de aquisição e recuperação de conhecimento. Através de uma escrita guiada pelo vegetal onde as letras se entrecruzam, se embaralham e se transformam a cada linha, o momento da prática da escrita integra-se à experiência do ritual da *ayahuasca*, compondo um estado de cocriação, no qual pode ocupar a mente e entrar em confronto consigo mesmo, e que “permite necessidade de estar só e de olhar para si e para a percepção sobre sua maneira de pensar” (Goulart, 2017, p. 77).

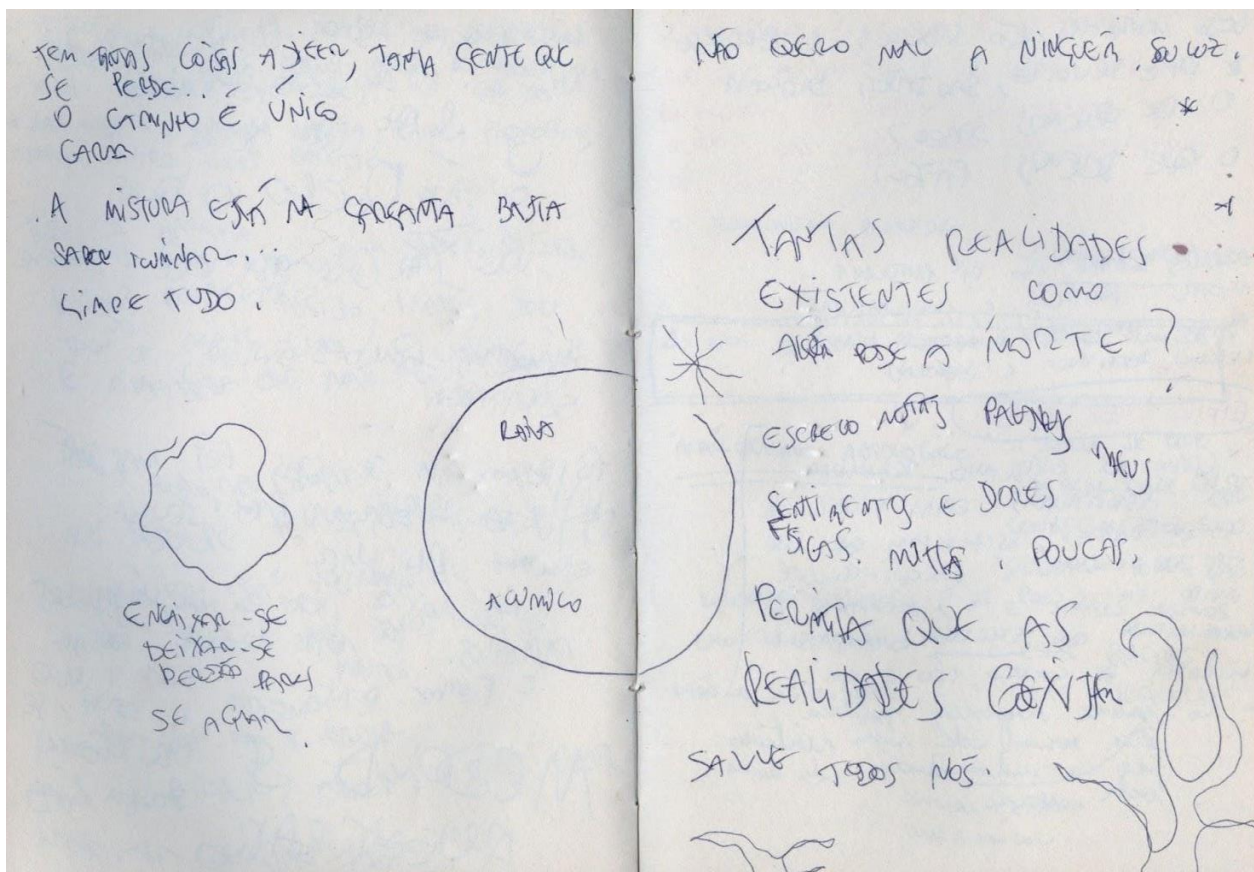


Fig. 03 – página do caderno "Encontros com a Floresta", Juliana Valbert (2016-2020).Acervo pessoal da artista.

Permite também enxergar no interior dos processos despercebidos, desconhecidos e até microscópicos, difíceis de serem enxergados compartilhados a todo momento. E, ainda, de elucidá-los um para o outro, colaborando para pensar sobre estatuto das coisas, mais propriamente em como coisas existem a partir de ontologias extintas, por vias e perspectivas distintas das nossas



próprias. Por fim, demonstra como todos esses sistemas de pensamento seguem lógicas próprias, e que podemos apropriar por meios que nos sustentam, a começar pelo nosso corpo:

Tal possibilidade, de entrar em comunicação com um mundo todo vivo, parece que só pode acontecer quando o humano deixa de ser o centro dos processos comunicantes, quando o humano se deixa abrir aos devires e povoar por forças não-humanas. É o chamado insistente do filósofo Gilles Deleuze para os devires (devir mulher, devir criança, devir negro, devir índio, devir literatura, devires vegetais, minerais, animais, moleculares, cósmicos...) para os quais se quer abrir uma escuta: “Tantos seres e coisas pensam em nós”; “Há sempre um sopro no meu, outro pensamento no meu, outra possessão no que possuo, mil coisas e seres implicados em minhas complicações (Deleuze, 2006, p. 306 apud Dias, n.p., 2020).

O que podemos entender em “entrar em comunicação com um mundo todo vivo”? Como a escrita mediada pela *ayahuasca* pode entrar em comunicação com um mundo todo vivo? O uso de substâncias *sagradas* por sociedades tradicionais está associado ao acesso do conhecimento e afloramento da percepção daquilo que interage com a realidade. A dimensão da floresta, da metafísica e do surreal que circunda o pensamento indígena e observada no exercício dos cadernos de Juliana Valbert, nos remete a um modo de coabitar o mundo diferente do atual. Esse lugar também está ligado a um habitat que é diferente do urbano e tecnológico predominante. Nos escritos de Juliana, são diversas as histórias que inter cruzam plantas, naturezas e culturas, mundos possíveis e habitáveis a partir da nossa relação com o reino dos seres vegetais. Observa-se o pluriverso existente: na selva, o aprender é com os animais, as plantas e quaisquer outros seres que possam vir a habitar esse mundo. No entanto, é na selva que todo momento está acontecendo, morte e vida, vida e morte, decomposição e crescimento, tudo está se comunicando e agindo por causa disso. Nas cidades ainda há essa dinâmica, mesmo que, com acúmulos de morte, florescem vidas. Muitas dessas passagens são sentidas e escritas nos cadernos durante a experiência (Figuras 03 e 04).

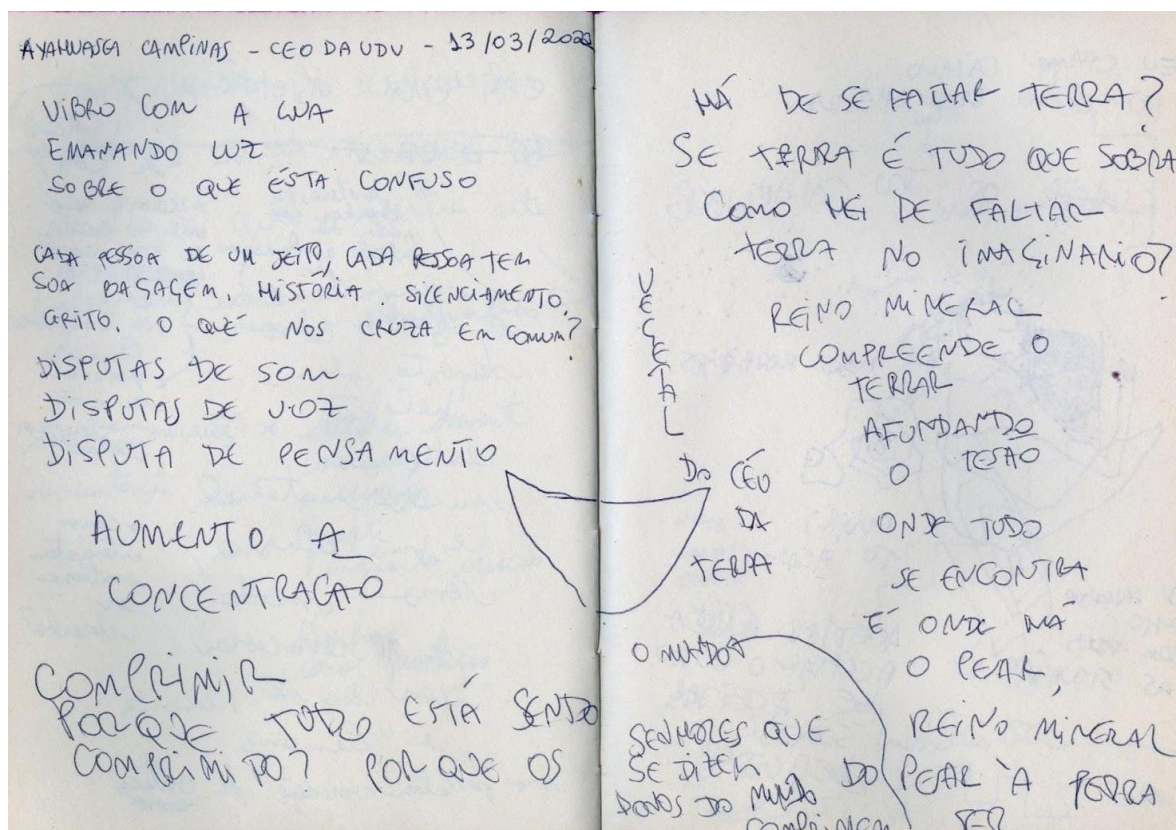


Fig. 04 – página do caderno "Encontros com a Floresta", Juliana Valbert (2016-2020). Acervo pessoal da artista.

Em nosso pensamento, a sensibilidade aflorada pela planta trabalha com lembranças que se encontram em lugares marcantes da nossa memória. Além de promover uma expansão de consciência (e muitos associam com a espiritualidade e a religiosidade) a partir de uma experiência que leve a uma percepção outra a respeito desses ciclos biológicos e de entidades metafísicas. Nas experiências que analisamos, Valbert faz com que a palavra nos coloque como agentes de transformação. A partir do contato com a ayahuasca em um ritual coletivo, os cadernos tornam-se vestígios de seres de outra dimensão e palavras são postas para a compreensão dos processos da vida. O contato, para a artista, nos provoca adentrar outras vivências e nos aspectos constituintes ao humano, mental, físico e espiritual. Repensar nossas práticas, hábitos e histórias para imaginar um futuro possível.

Como já foi dito, nos relatos feitos durante o uso da ayahuasca estão algumas buscas epistemológicas que fazem parte da própria vivência pessoal da artista, sobre os diferentes mundos que vem se deparando (mundo espiritual, material, emocional, mental, dos animais, dos elementos da terra, das bactérias, etc.), e as percepções dela em meio a esses diálogos vegetais e culturais.



Aquilo que lhe vem chamando atenção e tem a ver com um modo de vida mais orgânico, tem grande influência da dimensão ritualística e transformadora da ayahuasca. A busca se estabelece em torno de uma compreensão sobre como as coisas funcionam, e, no entanto, diante das possibilidades de colocações que encontramos sobre certezas, fé e ciência, a ayahuasca, assim como outras plantas sagradas, coloca a possibilidade de rever conceitos e renascer.

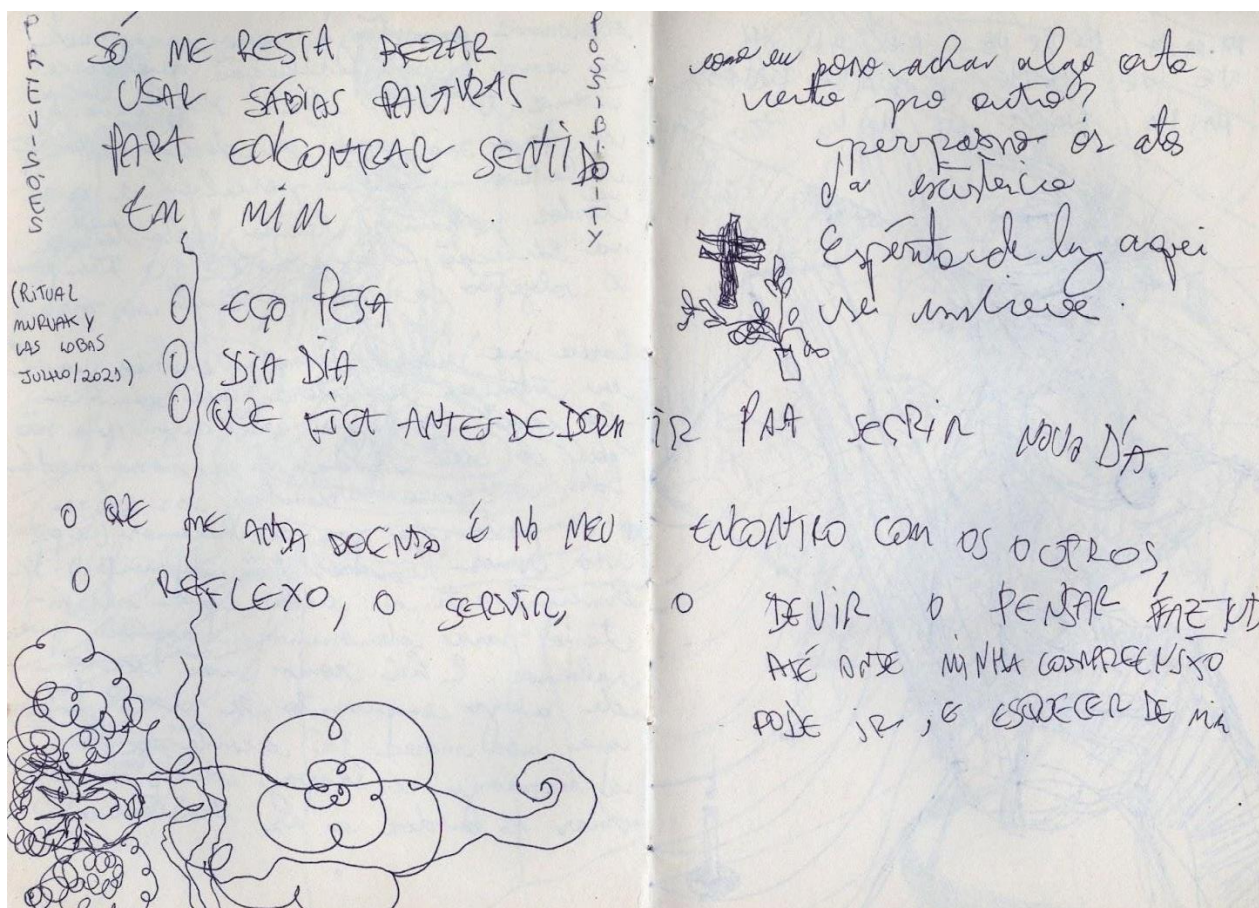


Fig. 05 – página do caderno "Encontros com a Floresta", Juliana Valbert (2016-2020). Acervo pessoal da artista.

### Proposições finais

A escrita presente nos cadernos de Valbert são uma abertura à especulação de outras narrativas, histórias e outras conexões com os mundos e os seres que nos circundam. Acreditamos que a utilização da palavra, em suas mais variadas formas, promulga conexões que nos permitem comunicar poeticamente sobre as outras realidades e especular a voz de outros seres. Estar diante do mundo das palavras, nestas situações, é observar as diversas formas de conhecimentos que são



produzidas nas relações entre o que é aparente, o que pensamos e aquilo que está "escondido" ou difícil de observar.

Retomamos a ideia de alguns autores apresentados nesse artigo (Lapoujade, 2017; Latour, 2021) e articulamos com as plantas professoras. Elas agem como guias aos diferentes mundos e modos de existência. São guias para as experiências que escapam do cotidiano, fazendo perceber-ver para além da racionalidade. A escrita com as plantas professoras é uma escrita *em* e *de* composição, à medida que são articulados saberes, percepções e visões além dos objetos materiais. Assim, através dessa proposta, observamos ser possível abrir possibilidades para que cada palavra seja desencadeadora de conhecimentos que não estão dados, mas que se fazem em conjunto com a experiência. Os cadernos de Valbert caminham por mundos coexistentes, que são experienciados na relação dos entes metafísicos e experiências sensíveis. A palavra torna-se uma ferramenta de aquisição e recuperação de conhecimentos, a palavra conecta-se com as assembleias de um mundo todo vivo.

*Recebido em: 15/09/2022*

*Aceito em: 15/10/2022*

## **Bibliografia**

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. **Plantas Professoras: Dimensões Psíquicas, Históricas e Educativas.** *Amazônica-Revista de Antropologia* vol 9.1 , 2018: 258-292.

BACON, F. **O Progresso do Conhecimento.** Ed Spedding, São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

COCCIA, Emmanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura ; seguido de Ser o mundo /** Emmanuele Coccia ; ed. de Pedro A. H. Paixão ; trad. Jorge Leandro Rosa ; iconografia de Carla Filipe. - [S.l.] : Fundação Carmona e Costa ; Lisboa : Documenta, cop. 2019. - 213, [10] p. : il. ; 22 cm. - (Disciplina sem nome ; 5). - Tít. orig.: La vie des plantes : une métaphysique. - ISBN 978-989-8902-61-0

COCCIA, Emmanuele. **Entrevista.** Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2019/12/02/as-plantas-mostram-que-viver-junto-nao-e-uma-questao-de-comunidade-ou-de-politica-parte-1-entrevista-com-emmanuele-coccia/>. Acesso em: 10 de setembro de 2022



DA SILVA, T. G. **Ensaio sobre a escrita**: os caminhos de uma dissertação. Palíndromo, Florianópolis, v. 9, n. 17, p. 75-80, 2017. DOI: 10.5965/2175234609172017075. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/8011>. Acesso em: 31 ago. 2022.

DE CASTRO, Eduardo Viveiros; PERRONE-MOISÉS, Beatriz. **O medo dos outros**. Revista de antropologia, p. 885-917, 2011.

DIAS, Susana. **Perceber-fazer floresta**: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. *ClimaCom–Florestas* [Online], Campinas, ano, v. 7, 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>

FERNANDES, Saulo Conde. **Xamanismo e neoxamanismo no circuito do consumo ritual das medicinas da floresta**. Horizontes Antropológicos 24, 2018: 289-314.

LATOURE, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Ubu Editora, 2020.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: N-1 edições, 2017. ISBN: 978-85-66943-46-7

LAPOUJADE, David. **William James, a construção da experiência**. São Paulo: N-1 edições, 2017. ISBN: 978-85-66943-31-1.

LIRA, Wagner Lins. **Xamanismo e enteogenia ameríndia**: a ayahuasca e outras “plantas de poder” em contextos indigenistas e vegetalista amazônicos. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 5 (10): 59-78, agosto a dezembro de 2018. ISSN: 2358-5587

FERNANDES, Saulo Conde. **Xamanismo e neoxamanismo no circuito do consumo ritual das medicinas da floresta**. Horizontes Antropológicos 24, 2018: 289-314.

NOVARINA, Valère. **Diante da palavra** (trad. Angela Leite Lopes). 2.ed. Coleção dramaturgias. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

OLIVEIRA, Fernanda Souza; MELO FILHO, Claudio de; BAIÃO SANTOS, Cesar Augusto. **Ruínas do visível**: políticas implicadas na relação com as imagens na era dos big data. *TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, n. 24, jul./dez. 2021, p. 59-73

OLIVEIRA, Alice Haibar. **‘Já me transformei’**: modos de circulação e transformação de pessoas e saberes entre os Huni Kuin (Kaxinawá). 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos CEBRAP* [online]. 2007, n. 79 [Acessado 14 Setembro 2022], pp. 71-94. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>>. Epub 01 Jul 2008. ISSN 1980-5403. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>.



MELO FILHO, Claudio. **Arte, natureza e colaborações adversárias**: inteligência ecossistêmica e pensamento não-correlacional. In: Anas do I Encontro de Artes Visuais da Unicamp 1a edição. Campinas, maio de 2022.

MIKOSZ, José Eliézer. **A Arte Visionária e a Ayahuasca**: Representações visuais de espirais e vórtices inspiradas nos estados não ordinários de consciência. ENOC, 2009.

---

[1] Doutorando no programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), do Instituto de Artes da UNICAMP. E-mail: clauamelof@gmail.com

[2] Mestranda no programa de Pós-Graduação Mestranda no programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), do Instituto de Artes da UNICAMP. E-mail: julianavalbert@hotmail.com

[3] Data Never Sleeps 8.0. Infográfico (relatório). Disponível em: <https://www.domo.com/learn/infographic/data-never-sleeps-8>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.

[4] Para José Guilherme Magnani (1999a, 1999b, 2005 apud (Fernandes, 2018, p. 297), professor de Antropologia na Universidade de São Paulo, ele descreve que a inserção do xamanismo urbano estaria inserido na lógica e circuito mais geral da Nova Era; “seus praticantes seriam sujeitos integrados ao circuito neoesotérico. A notável plasticidade do neoxamanismo impede qualquer tipo de padronização, e os ritos e aspectos cosmológicos acabam por obedecer à idiosincrasia de cada dirigente ou grupo”.

[5] Os estados não ordinários de consciência oferecem experiências e contato com certos tipos de conhecimentos que não são podem ser totalmente explicados pela ciência, mas que estão entre diversas gerações de povos indígenas há muitos séculos. É diferente da consciência ordinária, podemos corresponder ao nosso estado habitual. O pesquisador José Mikosz (2009) sugere que entre o estado de vigília e o sono profundo inconsciente há outros estados intermediários, como o do devaneio, o hipnagógico e o dos sonhos. Para Mikosz, os estados não ordinários são mais intensos que estes estados chamados “intermediários”, pois é preciso criar condições incomuns de funcionamento do organismo e da percepção para que outras possibilidades se manifestem (Mikosz, 2009, p.33).

[6] Frase citada durante Palestra de Mauro Almeida nos 25 anos do NER, pelo youtube. Acesso em: 10 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D5tQh34IDTg>.